

Fado

A unha roça a corda fina
E o ar pesado estala.
Sob o luzir ténue da lâmpada,
O primeiro som liberta-se, claro e vibrante;
Lisboa aguarda, expectante,
A voz que a custo se cala.

Quem lá passasse, de fora,
Escutaria
Com descuidada atenção
Essa música sublime
Que é o gemer da guitarra
Anunciando a sequente canção.

É dado o acorde tónico
E a mulher abandona-se a esse choro
Tão doce e melancólico
A que dão o nome de fado.

Fado é não mais que a dor
Da saudosa alma a lacrimemar
Dor que é também amor
Que, por entre os lábios rubros,
Impetuosamente se quer soltar.

Canta a fadista a derradeira sílaba,
Vertendo uma lágrima estreita
Mas esboçando um sorriso rasgado.
Soa então a cadência perfeita
E assim termina este fado...

Marta Amaral
9ºE